



**Desafios e  
estratégias na  
criação do  
Memorial  
Cardeal Dom  
Lucas Moreira  
Neves  
(2003 – 2013)**

**Vandelir Camilo Mário<sup>1</sup>**

**Challenges and  
strategies in creation  
of Memorial Cardinal  
Dom Lucas Moreira  
Neves (2003 – 2013)**

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n13.2017.70535>

---

<sup>1</sup>Mestre em História, Política, Bens Culturais (CPDOC/FGV-RJ). Atua como músico Corista no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Email: vrneves@yahoo.com.br.

**Resumo:**

O artigo tem como objeto o Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, instituição de memória localizada em São João del Rei no estado de Minas Gerais, e composta por um museu, uma biblioteca e um arquivo pessoal. Dom Lucas Moreira Neves foi um frade dominicano, bispo auxiliar de São Paulo, além de arcebispo, cardeal e Primaz do País entre 1987 e 1998. Trata-se de um estudo de caso que buscou identificar as condições sociais, políticas e econômicas que viabilizam o empreendimento. Especial atenção é dada ao acervo –museológico, bibliográfico e arquivístico– depositado no Memorial, visando compreender o papel que desempenham na construção da imagem de dom Lucas Moreira Neves, bem como as iniciativas de cunho memorialista que vêm sendo empreendidas pela instituição.

**Palavras-chave:** Dom Lucas Moreira Neves, lugar de memória, legado; coleções, Igreja Católica.

**Abstract:**

The article aims at Memorial Cardinal Lucas Moreira Neves, memory institution located in São João del Rei in the state of Minas Gerais, and composed of a museum, a library and a personal archive. Archbishop Lucas Moreira Neves was a Dominican friar, auxiliary bishop of São Paulo, as well as archbishop, cardinal and Primate of the Country from 1987 to 1998. This case study sought to identify the social, political and economic conditions that development. Special attention is given to the collection - museum, bibliographical and archival - deposited in the Memorial, aiming to understand the role they play in the construction of the image of Dom Lucas Moreira Neves, as well as the memorialist initiatives that have been undertaken by the institution.

**Keywords:** Dom Lucas Moreira Neves, place of memory, legacy, collections, Catholic Church.

## Introdução

O presente artigo busca analisar a criação do Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, localizado em São João del-Rei, no estado de Minas Gerais. Buscando problematizar a história, as características e as estratégias de legitimação do Memorial, tomaremos por base a categoria “lugar de memória” do historiador Pierre Nora (1993).

Entende-se por lugar de memória os locais investidos de um desejo de memória e que agregam as dimensões material, funcional e simbólica. Lugar de memória é uma categoria que serve para designar diferentes objetos abstratos (comemorações, homenagens, elogios fúnebres) ou concretos (um monumento, uma praça, uma estátua, uma pintura, um museu, um memorial). Nessa perspectiva, lugar de memória é toda unicidade que, através da vontade dos homens, e do tempo, foi transformado em legado memorial de qualquer comunidade.

O Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves é formado por um museu, pela biblioteca e pelo arquivo pessoal do cardeal. O museu reúne os artefatos que pertenceram a dom Lucas (cruzes, paramentos, mitras e medalhas), a biblioteca contém diversas obras raras de cunho religioso, e o arquivo guarda todos os documentos pessoais de dom Lucas, tais como missivas, jornais, requerimentos, convites e fotografias. Desde a criação do Memorial Dom Lucas pelos familiares do cardeal a narrativa institucional busca exaltar a biblioteca e os objetos pessoais de dom Lucas que ocupam lugar de destaque nesta instituição: os livros evocam a erudição do titular, e os objetos remetem à alta hierarquia da Igreja à qual pertenceu. Contudo, o arquivo permanece ainda hoje sem tratamento arquivístico e é silenciado pela diretoria da instituição Memorial Dom Lucas.

A pesquisa de campo buscou analisar diferentes fontes, tais quais, documentos internos do Memorial, escritura, jornais da cidade e depoimentos do cardeal. O texto pretende caminhar apresentando aspectos da trajetória desse personagem e, a partir daí, discutiremos situações relacionadas às estratégias de memória de lugares caracterizados como Memorial e o papel que desempenham na construção da memória de dom Lucas.

Dom Lucas Moreira Neves<sup>1</sup> foi um cardeal brasileiro nascido na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais, em 1925 e falecido em Roma em setembro de 2002. Figura emblemática na Igreja Católica formou-se pela Escola Dominicana dos Frades Pregadores do estado de São Paulo, no Convento Santo Alberto Magno, e, em seguida, concluiu seus estudos teológicos em Saint-Maximin, na França, onde se tornou frade em 1950. De volta ao Brasil, deu início a uma atividade combinada entre trabalhos intelectuais e ações pastorais em diferentes setores da sociedade que marcariam sua trajetória. Entre os anos de 1950 e 1960 foi professor na Escola de Teatro Ação Social da Arquidiocese do Rio de Janeiro, mantendo contato com Bárbara Heliodora, Muniz Freire e Maria Clara Machado. Atuou como vice-presidente do Movimento Familiar Cristão (MFC), iniciando contato com líderes

---

<sup>1</sup> O nome de registro civil era Luiz Moreira Neves, somente após o noviciado na ordem dominicana em 1944 é que houve a troca de nome para Lucas em homenagem ao evangelista São Lucas (NEVES, VAYNE, 2006).

religiosos nos países da América Latina. Nessa época, dirigiu a então prestigiosa revista Mensageiro do Santo Rosário, dos Frades dominicanos<sup>2</sup>.

Em 1967, foi designado bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, então administrada pelo cardeal dom Agnelo Rossi e, confirmado no período de 1970 a 1974, auxiliar do cardeal dom Paulo Evaristo Arns. Nesse período, tornou-se porta-voz da CNBB e, assim, falava em nome de todo episcopado brasileiro (SERBIN, 2001, p.350). A partir de 1974, foi transferido para o Vaticano como vice-presidente do Conselho para os Leigos, órgão recém-criado pelo Papa Paulo VI, iniciando ali uma longa amizade com o cardeal polonês Karol Wojtyła, futuro Papa João Paulo II. Em 1978, a pedido do então Papa João Paulo II, acumulou as funções de secretário do Colégio dos Cardeais e de secretário da Congregação dos Bispos<sup>3</sup>, cabendo a ele importante poder de influência nos pareceres finais na escolha dos bispos da Igreja Católica. Em setembro de 1987, foi transferido para o Brasil como arcebispo e Primaz do País e passou a residir em Salvador, Bahia<sup>4</sup>. Por essa época, provocou polêmicas com grupos oriundos de religiões afro-brasileiras e ainda travou embate com diferentes setores dos meios sociais, políticos e de comunicação. No mesmo período, foi eleito presidente da CNBB e selecionado para a Academia Brasileira de Letras e para a de Filosofia<sup>5</sup>.

No primeiro semestre de 1998, retornou a Roma, assumindo um dos cinco cargos mais importantes da hierarquia da Igreja Católica: a presidência da Congregação dos Bispos e da Pontifícia Comissão para a América Latina<sup>6</sup>. Além disso, tornou-se um dos cardeais bispos da Igreja, como titular da diocese suburbicária de Sabina-Poggio Mirteto<sup>7</sup>. Até que, em setembro de 2000, renunciou a todos os cargos por motivos de saúde. Dom Lucas faleceu em Roma, em setembro de 2002, aos 77 anos<sup>8</sup>. Seus funerais foram realizados na Basílica de São Pedro e contaram com a presença de diferentes autoridades – as exéquias foram celebradas por João Paulo II e concelebradas pelo cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa Bento XVI. Após a transferência de seus restos mortais para o Brasil, suas exéquias receberam honras de chefe de estado e seu corpo foi sepultado na Catedral Basílica de Salvador, na Bahia, em celebração que contou com a participação de todos os cardeais brasileiros, além de diferentes políticos. Ao longo de sua trajetória, diversas autoridades e órgãos da imprensa conjecturavam sobre a possibilidade de o cardeal tornar-se um substituto de João Paulo II,

---

<sup>2</sup> O nome de registro civil era Luiz Moreira Neves, somente após o noviciado na ordem dominicana em 1944 é que houve a troca de nome para Lucas em homenagem ao evangelista São Lucas (NEVES, VAYNE, 2006).

<sup>3</sup> A Congregação dos Bispos é um organismo da Cúria Romana responsável pela criação de dioceses, prelazias territoriais e pessoais, ordinariatos militares (forças armadas, policiais militares e corpo de bombeiros) e outras formas de igrejas particulares locais. Acompanha a nomeação de todos os bispos e o exercício de suas atividades episcopais em toda Igreja de rito latino.

<sup>4</sup> Em entrevista a François Vayne, dom Lucas afirma não saber se sua indicação para ocupar o cargo de primaz do Brasil após a morte de dom Avelar Brandão, em 1987, foi um desejo pessoal de João Paulo II ou uma indicação de seu superior e amigo pessoal, o cardeal Bernadin Gantin, do Benin e então presidente da Congregação dos Bispos (NEVES; VAYNE, 2003, p. 50).

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.academia.org.br/academicos/lucas-moreira-neves-dom/biografia>.

<sup>6</sup> A Pontifícia Comissão para a América Latina é um organismo da Cúria Romana que tem por função promover estudos doutrinários e pastorais relativos ao desenvolvimento da Igreja na América Latina.

<sup>7</sup> As igrejas suburbicárias de Roma são dioceses cardinalícias localizadas em torno de Roma: 1) Óstia; 2) Porto-Santa Rufina; 3) Albano; 4) Frascati; 5) Palestrina; 6) Sabina-Poggio-Mirteto; 7) Velletri-Segni.

<sup>8</sup> Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0909200202.htm>

tendo seu nome configurado nas listas de um *papabile*<sup>9</sup> latino-americano.<sup>10</sup>

Não pretendemos realizar aqui um esboço biográfico sobre esse personagem e nem qualquer análise sobre fatos de sua trajetória. Nosso intuito é, primeiramente, localizar o leitor sobre quem foi esse religioso e, em seguida, apresentar os desafios, as estratégias e as demandas que ocorrem na criação de um “memorial” centrado na figura de um homem público como dom Lucas. Para isso, pretendo chamar atenção para a imagem que se estabelece desse personagem na monumentalização de um lugar para sua memória. Nesse sentido, a narrativa busca estabelecer os atributos de jornalista, intelectual e religioso conjecturado a assumir a cátedra de Roma. Nesse revolutear, é necessário mencionar a atuação social e política do religioso desde pelo menos 1967. Entre 1970 e 1974 Lucas participou, ao lado de outros bispos e cardeais brasileiros, da Comissão Bipartite<sup>11</sup>, cuja função era manter a comunicação do episcopado com comandantes militares e emitir notas oficiais em nome da comissão. A comissão funcionou até o rompimento dos religiosos com os militares, após ataques a integrantes da Juventude Estudantil Católica (JEC), da Juventude Operária Católica (JOC) e à sede do Instituto Brasileiro de Apoio ao Desenvolvimento (Ibrades). Nessa ocasião, foi fundamental a atuação de dom Lucas na mesma comissão em relação ao desaparecimento, tortura e morte do estudante Alexandre Vanucci, em 1974 (SERBIN, 2001, p.402).

Uma breve apresentação torna-se necessária para registrar as atividades e a atuação do cardeal. No período em que atuou como Primaz do Brasil, dom Lucas foi colunista dos principais jornais brasileiros. Além disso, foi importante agente na criação da primeira rede católica de televisão brasileira, a Rede Vida.<sup>12</sup>

Na trajetória desse cardeal, diferentes personas se alternam e se acrescentam. Sem sombra de dúvida há prevalência do homem religioso na figura de dom Lucas. Para isso, utiliza-se uma narrativa hagiográfica que justifica sua existência, é a imagem do homem incondicionalmente nascido para a vida religiosa católica. No mais, estabelece-se a ideia do homem ligado diretamente à Cúria Romana, ou seja, o homem da confiança do Papa João Paulo II.

Se por um lado Dom Lucas tinha uma “soberana indiferença por rótulos” (NEVES; VAYNE, 2006, p. X), por outro, o cardeal inventou seu próprio rótulo: o de um homem predestinado à vida consagrada, com capacidades intelectuais que o permitiam circular por diferentes ambientes do poder eclesiástico e social. Dessa forma, podemos observar que essa auto representação em dom Lucas tem mais de invenção, constituindo-se em uma interpretação com efeitos no domínio público e privado (HEYMANN, 2005, p.46).

---

<sup>9</sup>Papabile é como se denominam os Cardeais favoritos para a sucessão papal, segundo a imprensa e os vaticanistas. Um ditado romano diz que quem entra num conclave como papabile sai como Cardeal.

<sup>10</sup> Fonte:

<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dom-lucas-ainda-era-cotado-para-ser-papa,20020908p53813>.

<sup>11</sup>Comissão secreta, montada no período militar, formada por membros da alta hierarquia da Igreja Católica e das Forças Armadas. Funcionou de 1970 a 1974, com o objetivo de manter um diálogo da Igreja com o alto comando militar, representado pelo general Antônio Carlos Muricy, chefe do Estado - Maior (SERBIN, 2001, p. 21).

<sup>12</sup> Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-moreira-neves>.

Destarte, acompanhando a divisão adotada pela própria instituição em seu espaço físico, a biblioteca, o museu e o arquivo merecerão, cada um deles, um item específico. A biblioteca do Cardeal ocupa lugar de destaque não só no espaço físico da sede, como também no discurso institucional. O museu também tem destaque, sendo responsável por produzir a conexão do visitante com a religiosidade e a sacralidade representada pelos objetos religiosos relativos aos altos dignitários da Igreja. O arquivo pessoal, classificado em 136 caixas de arquivo poliéster, é claramente silenciado pela instituição, encontrando-se, ainda hoje, sem tratamento arquivístico e inacessível à consulta. Para isso foi realizado levantamento documental do acervo material que compõe a memória material do Memorial. Além disso, foi fundamental, um diálogo com as entrevistas concedida pelos instituidores desse lugar, associada às declarações do cardeal em sua história de vida publicada no Brasil, em 2006.

No mais, pretendo problematizar sinteticamente a categoria “memorial” e a literatura relativa a lugares de memória denominados como Memorial.

### **Memoriais no Brasil: lugares de honra e glória?**

O fato de estar diante de um lugar de memória designado como “Memorial” Dom Lucas me levou a problematizar essa categoria neste artigo. Embora o espaço consagrado à memória de dom Lucas não tenha recebido essa designação com base em qualquer discussão teórica, entendo que seja relevante buscar referências que possam ajudar a qualificar lugares de memória assim designados. Para isso foi realizado levantamento bibliográfico que abordasse instituições de memória caracterizadas como “memorial”. É parca a literatura nacional que busque analisar essa categoria, cabendo muitas vezes aos museólogos e historiadores essa tarefa.

A literatura internacional vem buscando problematizar a categoria “memorial” analisando o discurso, os agentes, as demandas que cercam a institucionalização de “memoriais” na atualidade. Para Erika Doss (2012), o surgimento desenfreado de instituições categorizadas como “memorial” pode ser entendido como uma “mania memorial”: “These memorials unders core our obsession with issues of memory and history, and the urgent desire to express– and claim– those issues in visibly public contexts”<sup>13</sup> (DOSS, 2012, p. 7). Segundo Paul Williams (2008), pesquisador norte-americano que analisou diferentes memoriais em diversos países, em especial os memoriais voltados para temas como o Holocausto e a guerra, “more Memorials were opened in the last years than in the last hundred years”<sup>14</sup>. Nesse sentido, Williams busca estabelecer uma definição para esses “memoriais” afirmando que esses lugares servem “to identify mass suffering of some kind”<sup>15</sup> (WILLIAMS, 2007, p. 8).

---

<sup>13</sup> “Esses memoriais sublinham a nossa obsessão com as questões da memória e da história, e o desejo urgente de expressar e afirmar essas questões em contextos visivelmente públicos” (tradução nossa).

<sup>14</sup> “Mais memoriais foram abertos nos últimos dez anos do que nos últimos cem anos” (tradução nossa).

<sup>15</sup> “Para identificar sofrimento em massa de algum tipo” (tradução nossa).

Dessa forma, a afirmação de Williams não difere muito da definição estabelecida pelo International Council of Museums (ICOM) em 2001. Em sessão formada por representantes de diversos países, o ICOM estabeleceu de forma categórica o que é um memorial, partindo do pressuposto de que memoriais são instituições criadas para homenagear vítimas do Estado e que têm por objetivo se instituírem em nome de crimes ideologicamente motivados. Além disso, para esse órgão, os “memoriais” estão localizados frequentemente nos sítios históricos originais ou em locais escolhidos por sobreviventes de tais crimes para efeitos de comemoração, e procuram transmitir informações sobre eventos históricos, de modo a manter uma perspectiva histórica e, ao mesmo tempo, estabelecer fortes ligações com o presente (ICOM, 2001).

Segundo o *Guia Brasileiro de Museus* de 2011, o Brasil contava, naquele ano, com 101 memoriais espalhados por todo o país. Em sua maior parte, instituídos para a exaltação de memória de homens públicos, sobretudo políticos e juristas, mas também religiosos e intelectuais, ou seja, a elite sempre erigiu lugares para sua memória (HEYMANN, 2011, p.78).

Nesse sentido, ao observamos esses projetos memoriais brasileiros, estamos de fato diante de lugares que buscam, primordialmente, servir de honra e glória a determinadas trajetórias da história nacional.

Por essa chave, não podemos reconhecer os memoriais brasileiros como lugares exclusivos de sofrimento ou de luto, como afirma Williams (2007), e menos ainda entendê-los como lugares de vítimas de crimes de Estado, como estabelece o ICOM (2001). Entendemos que existem memoriais, especialmente no Brasil, voltados para acontecimentos triunfais, para comemorar vitórias ou para a exaltação de trajetórias consideradas exemplares e dignas de serem lembradas.

James Young (1993, p. 3) nos pode ser útil quando propõe que os memoriais podem ser “just as memorials have marked past victories”<sup>16</sup>. Young propõe que esses “memoriais” podem ser entendidos como estratégias de memória que possibilitem a criação de uma identidade local e a permanência de uma ausência, constantemente fomentando a renovação e a atualização.

Ao observarmos os memoriais em funcionamento no Brasil, porém, constatamos que eles apresentam, em sua maior parte, os mesmos sentidos propostos pelo Memorial Dom Lucas. Vale dizer, assim, que os nossos memoriais, em geral, não são voltados para memórias dolorosas, para sobreviventes de crimes, ditaduras ou até mesmo para questões relativas à diáspora africana, ou seja, não memorializam as vítimas de crimes do Estado.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> “Somente para marcar um passado vitorioso” (tradução nossa).

<sup>17</sup> São poucas as instituições memoriais instituídas em homenagem às vítimas de Estado no País. Entre elas, encontra-se o Memorial dos Pretos Novos, órgão do Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos (IPN), cujo objetivo é refletir sobre a escravidão no Brasil. Instalado na área portuária da cidade do Rio de Janeiro, o Memorial é um sítio arqueológico oriundo de um cemitério de escravos que ali funcionou entre os séculos XVIII e XIX. Após trabalhos de historiadores e arqueólogos foram localizados ossadas e outros artefatos. Já o Memorial da Resistência de São Paulo é uma instituição dedicada à preservação e à musealização da memória da resistência e da repressão política no Brasil de 1889 à atualidade

## **O Memorial cardeal dom Lucas Moreira Neves**

Em setembro de 2000, após tornar-se emérito aos cargos no Vaticano, dom Lucas, com auxílio dos irmãos, inicia as primeiras tratativas de criar um memorial com seu nome para abrigar seus livros e objetos após a sua morte – medida tomada estrategicamente no processo de monumentalização de sua memória, justificada como preservação e divulgação de sua trajetória, assumindo os sentidos de legado do religioso e reunidos sob a marca de “patrimônio cultural de Dom Lucas”<sup>18</sup>.

Dessa forma, a memória do cardeal foi institucionalizada em 7 de maio de 2003, oito meses após a sua morte, mediante a assinatura da escritura que dispunha sobre a criação da Fundação Memorial Dom Lucas pelas irmãs do Cardeal e por representantes da Igreja Católica local. Consta na escritura, entre outras informações, que a Fundação tem fins “religiosos e culturais” e que seu patrimônio é formado por uma biblioteca e uma pinacoteca.<sup>19</sup>

Todos os objetos e obras de arte que pertenceram ao cardeal (quadros, ampolas, crucifixos e mitras etc.) estão listados. É interessante notar que o documento não menciona o arquivo pessoal de Dom Lucas, que recebeu, em 2015, o título de “arquivo pessoal de interesse público e social” do Arquivo Nacional.<sup>20</sup> Dessa forma, entenderemos esses serem os principais desafios da instituição sobre os usos e acessos a memória matéria do cardeal.

Além disso, o Memorial recorre anualmente na realização de uma “Semana Cultural Dom Lucas”, realizada no mês de setembro. E em parcerias com a ABL para o lançamento de obras póstumas de dom Lucas.<sup>21</sup> Nesse sentido, entenderemos essas medidas como estratégias de memória, ou seja, medidas que buscam, além de criar uma identidade, e manter a memória do titular presente e atualizada, são eventos que visam evocar e materializar lembrança e podem ser associados a estratégias de rememoração.

Para a consolidação dessas medidas, a função dos herdeiros é fundamental por ser ele o agente responsável por atualizar lembranças, organizar acervos e assumir a narrativa e os ressignificados dessa trajetória, para isso investindo em estratégias, tais como as homenagens póstumas, comemorações e eventos que possibilitem atualizar a história de vida desse prelado.

Para Ângela Gomes (1996), os herdeiros da memória são aqueles que colecionam e narram a história do grupo a que pertence. O herdeiro guarda/possui “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas

---

(Cf. <[http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=83:memorial-dos-pretos-novos](http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=83:memorial-dos-pretos-novos)> e <[www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=4&c=83&s=0](http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=4&c=83&s=0)>).

<sup>18</sup> Folder Institucional Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, São João del Rei, 2003.

<sup>19</sup> Escritura Constituição do Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, São João del Rei, maio de 2003.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://diocesedesaojoaodelrei.com.br/memorial-dom-lucas-promove-8a-semena-cultural-em-sjdr/>.



por muitos outros grupos (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória (GOMES, 1996, p. 7). Nesse caso, a herdeira desta memória foi a irmã do cardeal, figura que exerceu forte papel político e social na cidade de São João del-Rei. Ela foi a responsável pela compra do imóvel-sede, pela classificação de todo acervo e ainda possuía a capacidade de envolver diferentes agentes no empreendimento, como familiares, conterrâneos e a diocese local.

Para isso, ela buscou divulgar quase todos os objetos do acervo para o público, havendo uma maior recorrência aos objetos de cunho religioso, que reiteram a autoridade religiosa, como os símbolos episcopais e cardinalícios – mitras, crucifixos, peitoral, anéis episcopais, solidéus – usados somente pelos altos dignitários da Igreja. Nesse sentido, “estas coleções são [...]formadas por objetos homogêneos sob certo aspecto: eles participam do intercâmbio que une o mundo visível e o invisível” (POMIAN, 1984, p. 66). Conforme afirma a irmã do cardeal nos dez anos de funcionamento do Memorial em entrevista “não podíamos ficar com todo esse material em nossa casa, então decidimos comprar o imóvel e fazer o memorial.”<sup>22</sup>

### A biblioteca do cardeal dom Lucas

A biblioteca é formada por aproximadamente 10 mil livros<sup>23</sup>, dos quais 70% são obras de cunho religioso.<sup>24</sup> A questão da quantidade total de livros dessa biblioteca foi controversa.<sup>25</sup> A escritura do Memorial, datada de maio de 2003, indica aproximadamente 20 mil livros. Em setembro de 2004, após a inauguração, a instituição informava, em material de divulgação, que a biblioteca do Memorial reunia 40 mil livros.<sup>26</sup> E esse número não parava de crescer. Na entrevista concedida em 2013, por ocasião da comemoração dos dez anos de funcionamento da instituição, irmã do cardeal, informou, de forma categórica, haver no memorial “uma biblioteca com 50 mil títulos em vários idiomas. Dom Lucas falava, além de português, italiano, francês, inglês, alemão, russo, latim e espanhol”.<sup>27</sup> Nesse sentido, podemos entender essas idiosincrasias no número total de livros como uma construção de memória, na qual se buscava estabelecer a intelectualidade do cardeal.

---

<sup>22</sup> Disponível em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2013/03/10/interna\\_internacional,355887/na-intimidade-dos-papas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2013/03/10/interna_internacional,355887/na-intimidade-dos-papas.shtml).

<sup>23</sup> Disponível em:

[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/Declaracao/pareceres/Parecer\\_22\\_Dom\\_Lucas.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/Declaracao/pareceres/Parecer_22_Dom_Lucas.pdf).

Acesso em: 04 jan. 2017.

<sup>24</sup> MEMORIAL Dom Lucas é aberto ao público. *Gazeta de São João del Rei*, São João Del Rei, set. 2003.

<sup>25</sup> A biblioteca do Memorial Dom Lucas utiliza o mesmo sistema utilizado pela UFSJ. Atualmente as obras estão todas informatizadas, podendo, em breve, serem também disponibilizadas para consulta *on-line*. A parceria foi uma iniciativa entre a irmã do Cardeal e o então chefe da biblioteca, que cedeu o sistema para Stella digitalizar os livros. O fato ocorreu a partir de 1998, com a transferência da biblioteca para São João del-Rei.

<sup>26</sup> Folder institucional, Memorial Dom Lucas, São João del-Rei, 2004.

<sup>27</sup> Disponível em:

[http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2013/03/10/interna\\_internacional,355887/na-intimidade-dos-papas.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2013/03/10/interna_internacional,355887/na-intimidade-dos-papas.shtml). Acesso em: 04 jan. 2017.

A biblioteca tem lugar especial no Memorial, sua instalação foi feita com muito cuidado. Com ela pretende-se representar o intelectual e impressionar pesquisadores e visitantes. As estantes de madeira e o conjunto formado por mesas de estudo reconstróem o ambiente de uma biblioteca institucional e convidam à leitura e ao exercício intelectual.

A biblioteca ocupa todo o andar térreo da instituição, localizando-se atrás do *foyer* principal. Alguns livros refletem a trajetória de dom Lucas, quer como estudante na França (1947-1951), quer como cardeal e Primaz do Brasil (1987-1998), época em que se envolveu em diversos debates relacionados ao universo religioso de matriz africana. A temática dos livros remete, em grande parte, à filosofia tomista.<sup>28</sup>

Há, também, obras ficcionais, romances e grande quantidade de estudos etnológicos de pesquisadores da cultura afro-brasileira, como Edson Carneiro, com *Religiões negras e Candomblés da Bahia*; Ruth Landes, com *A cidade das mulheres*, e Pierre Verger, com *Orixás e Dieux D'Afrique*. A atuação de dom Lucas como Primaz do Brasil levou-o a ter diversos embates com autoridades candomblecistas e pesquisadores de matriz afro-brasileira em questões relacionadas ao sincretismo religioso. As divergências culminaram com a proibição da lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador, por filhas e mães de santo.

A biblioteca reúne diversos livros de autores que dom Lucas leu no contexto de sua formação teológica em Saint-Maximin, na França. Possui diversos livros escritos por mulheres, freiras carmelitas e dominicanas, todas canonizadas ou beatificadas pela Igreja, tais como Santa Catarina de Sena, Beata Isabel da Trindade e Santa Teresa do Menino Jesus, a "Teresa de Lisieux", e num número significativo de livros hagiográficos e estudos sobre Santa Teresa. Dom Lucas liderou um movimento no Vaticano para essa santa receber o título de doutora pela Igreja Católica, em 1997.<sup>29</sup> Em sua entrevista de história de vida, ele esclarece que "quando falo de Teresa, Doutora da Igreja, não estou falando de uma doutrina acadêmica, mas de uma doutrina espiritual", e informa textualmente que "escrevi ao Papa João Paulo II para lhe pedir que declarasse Teresa doutora da Igreja..." (NEVES; VAYNE, 2006, p. 25).

Além de uma predominância de autores franceses na biblioteca, é interessante observar a presença, nas estantes, de diferentes filósofos contemporâneos ao próprio dom Lucas. Certamente, a leitura desses escritores deveria ser incentivada pelos próprios mestres da escola teológica de Saint-Maximin. Há livros de Joseph-Marie Perrin, Gustave Thibon, Simone Weill, Jacques Maritain e Georges Bernanos, em diferentes edições e idiomas.

De acordo com o *folder* lançado em 2003, a biblioteca faz parte do "patrimônio cultural" do Memorial.<sup>30</sup> Luciana Heymann, ao analisar a biblioteca do acervo de Darcy

<sup>28</sup> É a filosofia escolástica de São Tomás de Aquino, frade dominicano do século XIII, que se caracteriza pela tentativa de conciliar aristotelismo e cristianismo, ou seja, a filosofia tomista é a metafísica a serviço da teologia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tomismo>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

<sup>29</sup> Disponível em:

<[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19101997.htm](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf_jp-ii_hom_19101997.htm)>. Acesso em: 17 jan. 2017.

<sup>30</sup> Fundação Memorial Dom Lucas. Folder institucional de divulgação. São João del-Rei, 2003.

Ribeiro, avalia que o acúmulo de livros pretende representar a trajetória intelectual do proprietário (HEYMANN, 2005, p.50). Dessa forma, essa biblioteca assume os sentidos de uma ideia de legado intelectual do Cardeal.

A biblioteca do cardeal dom Lucas foi reunida pelo titular ao longo de toda sua trajetória eclesiástica, tanto no Brasil como na Europa. O cuidado com sua biblioteca pessoal e os investimentos nos livros podem ser interpretados como uma tentativa de controlar a atualização de sua memória de intelectual *post-mortem* e ainda de influenciar as interpretações relacionadas à sua trajetória.

### O museu do Memorial Dom Lucas

O museu é composto por diversos objetos religiosos: batinas, paramentos, mitras (muitas ornamentadas, outras de seda e bordados e algumas bastantes simples, forradas com tecido branco), anéis episcopais, báculos, imagens religiosas, âmbulas, teca, aspersório, ostensórios, manustérgio, cálices, patenas, crucifixos, luvas, chirotecas e ícones.

Dom Lucas assume os sentidos apontados por Regina Abreu (1996) na “fabricação de um imortal”: a coleção do cardeal representa um homem semióforo e seus objetos semióforos. Os homens semióforos são os representantes do invisível e estabelecem uma ligação com outros tempos, outros personagens e outras sociedades, acompanhados por seus objetos semióforos (ABREU, 1996, p. 44).

Além desses objetos semióforos, a instituição expõe títulos, comendas e diplomas recebidos por dom Lucas de instituições civis, militares e políticas. Esses objetos conferem legitimidade e autenticidade à instituição, por terem sido objetos pertencentes e de uso do cardeal. Esse fato também é ressignificado pelos agentes responsáveis pela instituição, por meio de exposições, homenagens, obras póstumas, enfim, medidas que permitam renovar e preservar esse legado:

De fato, a legitimidade dentro do campo de instituições de memória depende, em grande parte, da capacidade de abrigar acervos, de reunir peças e documentos inéditos – que funcionam como manifestação material do legado – ou, ao menos, de produzir um discurso convincente e documentado na apresentação do personagem e de sua trajetória. (HEYMANN, 2005, p.53).

A exposição permanente é estrategicamente constituída e exibida ao público em diversas vitrines. Os objetos ficam expostos em sequência cronológica – dir-se-ia predestinada –, que acompanha a vida do cardeal, em especial o período posterior a 1974, ano da sua transferência para o Vaticano, aproximando-se assim de uma “ilusão biográfica”, na medida em que exalta determinados períodos da sua trajetória (BOURDIEU, 1986). Os anos anteriores ao bispado são tratados como uma preparação religiosa. Não havendo

referências históricas, a narrativa aproxima-se mais de um discurso hagiográfico do que biográfico sobre dom Lucas. O museu, embora coerente na narrativa, não fornece informações históricas sobre o cardeal.

Outras vitrines expõem os paramentos e objetos religiosos, como o anel cardinalício concedido pelo Papa João Paulo II, em 1988<sup>31</sup>, e o anel episcopal, recebido em 1967 em uma cerimônia celebrada pelo cardeal dom Agnelo Rossi<sup>32</sup> e concelebrada pelo frade dominicano Alano Du Noday.<sup>33</sup> Encontram-se também em exibição, ainda no primeiro andar, uma estola<sup>34</sup> e o pálio<sup>35</sup> de arcebispo de Salvador, concedido em 1987. A estola de dom Lucas – peça na cor vermelha, ricamente ornamentada com bordados e franjas, que lhe foi presenteada por João Paulo II – ocupa lugar de destaque no museu (NEVES; VAYNE, 2006, p.56), sendo a única peça que possui legenda. Em um quadro ao lado da vitrine é possível ler a informação, escrita pelo próprio dom Lucas, de que a estola lhe fora cedida em 1987.

O próprio dom Lucas investe essa estola de grande simbolismo. Na entrevista concedida a François Vayne, ele conta que a estola lhe foi dada na residência papal de verão, em Castel Gandolfo, em uma cerimônia religiosa restrita aos dois prelados, e “foi tecida para o Santo Padre pelas carmelitas de Palermo. Eu a uso toda vez que vou pela primeira vez a uma paróquia, ou por ocasião de um evento diocesano” (NEVES; VAYNE, 2006, p. 56). O cardeal afirma que o fato de ter recebido uma estola do próprio Papa simbolizou a confiança que João Paulo II depositava nele por ocasião do seu retorno ao país como Primaz do Brasil. Fica claro que dom Lucas investiu fortemente no cultivo da imagem de homem da confiança

---

<sup>31</sup> O rito do consistório de um Cardeal dá-se com a entrega do barrete vermelho, a bula de nomeação e o anel cardinalício que representa o vínculo do indicado com o Papa. Cada papado possui imagem própria criada pelo Papa para seus Cardeais. O desenho anelar do papado de João Paulo II recria a passagem da cena da crucificação. Disponível em: <<http://www.a12.com/formacao/detalhes/tornando-se-um-cardeal-o-ritual-do-consistorio>>. Acesso em: 23 out. 2016.

<sup>32</sup> Nascido em Campinas em 1913, foi um dos alunos fundadores do Colégio Pio Brasileiro. Ordenado sacerdote em 1937 em Roma, em 1956 foi nomeado Bispo de Barra do Piraí/RJ. Indicado a Arcebispo de São Paulo em 1964, no ano seguinte recebeu o barrete cardinalício. Duramente criticado por negar a ocorrência de tortura no país após a implantação da ditadura militar, foi transferido para o Vaticano em 1970, como prefeito da Congregação para evangelização dos povos. Foi substituído por seu Bispo-auxiliar, Dom Paulo Evaristo Arns.

<sup>33</sup> Nasceu em Saint-Servant, na França, em 1899. Foi nomeado Bispo pelo Papa Pio XI. Encaminhado ao Brasil, trabalhou como Bispo diocesano de Porto Nacional, no norte de Goiás, tornando-se importante líder religioso da região. Um dos idealizadores do estado do Tocantins, faleceu em dezembro de 1985. Disponível em: <<http://vocacionalop.blogspot.com.br/2012/11/homenagem-postuma-um-futuro-santo-do.html>>. Acesso em: 21 out. 2016.

<sup>34</sup> Estola é uma faixa larga e comprida que os sacerdotes usam em torno do pescoço e que varia de cor de acordo com o calendário litúrgico.

<sup>35</sup> Pálio é uma espécie de colarinho de lã branca com cerca de cinco centímetros de largura e dois apêndices – um na frente e outro nas costas –, com seis cruzes bordadas ao seu longo. Expressa a unidade com o Sumo Pontífice. Originalmente utilizado pelo Papa, teve posteriormente seu uso estendido aos Primazes. Está destinado, portanto, aos Bispos que assumem uma arquidiocese. O pálio simboliza o poder na província e sua comunhão com a Igreja Católica.

Disponível em:

<[http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/28/quatro\\_arcebispos\\_brasileiros\\_receber%C3%A3o\\_p%C3%A1lio/1240599](http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/28/quatro_arcebispos_brasileiros_receber%C3%A3o_p%C3%A1lio/1240599)>. Acesso em: 21 out. 2016.

<sup>35</sup> Fonte:

<<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,papa-preside-cerimonia-de-adeus-a-dom-lucas,20020911p53837>>. Acesso em: 15 out. 2016.

do Papa polonês.



**Figura 1 - Dom Lucas em Salvador, Bahia, com paramentos religiosos cardinalícios e, sobre o ombro, a estola presenteada por João Paulo II.**

Fonte:

<http://www.gettyimages.comdetail/news-photo/cardinal-lucas-moreira-neves-in-salvador-brazil-in-february-news-photo115099054#cardinal-lucas-moreira-neves-in-salvador-brazil-in-february-1995-picture-id115099054>

Em outra ala do museu, encontra-se a sala dos diplomas e das condecorações recebidas pelo cardeal ao longo de sua atuação religiosa e civil. Ali estão depositadas as insígnias, como os diplomas de *doutor honoris causa* em Teologia, recebidos da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino em Roma, e do College Providence de Rhode Island, Estados Unidos.<sup>36</sup>

Também está exposta nesta sala a condecoração recebida do presidente francês François Mitterrand, a *Legion d'Honneur*. Dom Lucas demonstra uma forte influência da cultura francesa em sua trajetória: há uma identificação com santos, escritores e intelectuais franceses<sup>37</sup>. Os diplomas da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia ocupam também lugar de destaque, exaltando a imortalidade da obra e da figura de dom Lucas<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> A Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino foi fundada em 1577 pelos Frades da Ordem Dominicana, enquanto o College Providence, também fundado e administrado pelos Frades dominicanos, data de 1917. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pontif%C3%ADcia\\_Universidade\\_S%C3%A3o\\_Tom%C3%A1s\\_de\\_Aquino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pontif%C3%ADcia_Universidade_S%C3%A3o_Tom%C3%A1s_de_Aquino)> e <<http://www.pust.it/index.php?lang=it>>. Acesso em: 24 maio 2017.

<sup>37</sup> Disponível em: SSV, Dom Lucas Moreira Neves recebe Legion d'honneur. Sociedade São Vicente de Paulo. Ano V, nº 214, p.5. Setembro de 1999.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/lucas-moreira-neves-dom/biografia>

Um grande número de fotografias retrata o período pós-1974, época da transferência de dom Lucas para Roma. Muitas delas, tiradas em diferentes ocasiões, sugerem sua proximidade com Paulo VI, e sobretudo com João Paulo II. Dezenas de fotos registram sua presença junto a membros da Cúria Romana, no intuito de construir a imagem de um homem influente no Vaticano. No mais, há registro das viagens internacionais realizadas por dom Lucas na condição de representante ou legatário de João Paulo II.<sup>39</sup>

Por fim, há exibição de objetos religiosos, em sua maioria joias, pratarias e peças auríferas, destacando-se os diversos anéis episcopais, cálices, âmbulas, ostensórios, turíbulo, tecas, aspersórios, galhetas e manustérgios. Nenhuma dessas peças dispõe de legenda, não permitindo que o visitante tenha informação sobre a sua funcionalidade. A maior parte dos artefatos dessa coleção faz parte da exposição permanente. Esses artefatos, pela sua imponência material, receberam inegavelmente uma maior atenção da irmã do cardeal no momento de organização do espaço museal.<sup>40</sup>

Com as imagens, o Memorial procura explorar o alcance de um bispo brasileiro de origem são-joanense aos altos cargos no Estado do Vaticano.

### **O arquivo pessoal do cardeal**

A análise do arquivo pessoal desse cardeal, deu-se a partir da classificação estabelecida pela irmã de dom Lucas, em 2003, além disso, recorreremos aos depoimentos do cardeal relativos a passagens de sua trajetória e que nos permite compreender o lugar ocupado por esse arquivo pessoal na instituição Memorial.

O arquivo pessoal do Cardeal está disposto em 136 caixas de arquivo políonda e ainda não recebeu tratamento arquivístico. A classificação foi estabelecida pela irmã do cardeal, a partir de 2003. Para isto, a documentação foi separada em diferentes assuntos, pelas áreas de atuação ou pelos eventos que contaram com a participação de dom Lucas.

O arquivo contém documentos que perpassam toda a trajetória do bispo, incluindo sua certidão de nascimento em 1925 e a troca de correspondências entre dom Lucas e diversos bispos e cardeais brasileiros (como dom Eugênio Sales; dom Vicente Scherer; dom Silvério Albuquerque e dom Avelar Brandão) e estrangeiros.

Além disso, possui significativa correspondência pessoal com prelados italianos, brasileiros e latino-americanos, nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e anos 2000, e documentos de diferentes secretarias do Vaticano. Apesar da sua atuação nos movimentos leigos da Igreja (como a JUC, a JOC e o MFC) nos anos 1950, 1960 e 1970, a documentação a respeito dela não é relevante no arquivo. O arquivo possui uma única caixa contendo material sobre esses movimentos. Intitulada “Prisões na JOC e Maçonaria no Brasil”, reúne diversas cartas pessoais e documentos oficiais da época.

<sup>39</sup> Disponível em: Folder institucional Memorial Dom Lucas Moreira Neves, 2003.

<sup>40</sup> Fonte: Escritura Constituição do Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, São João del Rei, maio de 2003.

O maior número de caixas no arquivo de dom Lucas corresponde à classificação “Jornais”. São 17 caixas, 13 das quais contendo jornais brasileiros (*A Tarde*, *Bahia Hoje*, *Jornal do Brasil*, entre outros), que publicavam semanalmente crônicas de sua autoria, e quatro caixas com o jornal diário *L’Osservatore Romano*, porta-voz oficial do Vaticano. O segundo maior número de documentos refere-se ao assunto “Sínodo Episcopal”, presente em 11 caixas de arquivos<sup>41</sup>.

A classificação com o tipo documental “Artigos” ocupa um total de sete caixas no arquivo onde estão depositados diversos artigos escritos por ele e sobre ele, extraídos de diferentes jornais. Há dois artigos que atacam duramente dom Lucas, envolvendo as questões sobre a ditadura militar. O primeiro é uma entrevista de frei Beto, que apresenta diversas denúncias sobre a omissão de dom Lucas em relação aos confrades dominicanos durante o regime militar. O artigo possui diversas marcações à caneta e anotações na lateral. O segundo é uma matéria jornalística que apresenta denúncias contra dom Lucas por parte do Padre italiano Renzo Rossi.<sup>42</sup>

Há uma caixa exclusiva para o artigo “*J’accuse*” e as repercussões polêmicas que envolveram esse verdadeiro manifesto, publicado pelo cardeal em 13 de janeiro de 1993. Nesse artigo, com o título transcrito de um manifesto do escritor francês Emile Zola, dom Lucas acusa duramente a TV brasileira e foca, em especial, na Rede de Televisão Globo e em sua programação que, segundo ele, “imbeciliza” a sociedade. Escrito logo após o assassinato de uma famosa atriz brasileira por seu colega de emissora, o artigo provocou a reação do proprietário da emissora, jornalistas e atores, e celeumas com familiares da atriz<sup>43</sup>, ao afirmar:

Quem matou, há dias, uma jovem atriz? Seria ingenuidade não indiciar e não mandar ao banco dos réus uma coautora do assassinato: a TV brasileira. A novela das oito. E – sinto ter que dizê-lo – a própria novela *De corpo e alma*.<sup>44</sup>

O arquivo inclui ainda nove caixas relacionadas à Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), com ênfase no período em que dom Lucas ocupou a presidência da instituição (1995-1998). A caixa relativa à Academia Brasileira de Letras contém cartas, atas de reuniões, notícias de posses de novos acadêmicos, apresentação informal de candidatos e

---

<sup>41</sup> Sínodo Episcopal são reuniões convocadas por autoridades religiosas diocesana ou pelo Papa, formada por padres, bispos, diáconos, religiosos ou leigos com intuito de definir normas ou leis eclesiais. Todas as decisões de um sínodo precisam ser referendadas pela autoridade máxima da Igreja.

<sup>42</sup> Rossi viveu no Brasil entre 1965 e 1997. Durante a ditadura militar, prestou auxílio aos presos políticos, visitando-os nas prisões. Esteve com os Frades dominicanos presos no Presídio Tiradentes, em São Paulo.

<sup>43</sup> Escrito após o assassinato da atriz Daniela Perez, então contratada da Rede Globo e filha da autora da novela *De corpo e Alma*, a escritora Glória Perez.

<sup>44</sup> Disponível em:

[http://grupoinconfidencia.org.br/sistema/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2116:jaaccuse&catid=275:dom-lucas-moreira-alves&Itemid=417](http://grupoinconfidencia.org.br/sistema/index.php?option=com_content&view=article&id=2116:jaaccuse&catid=275:dom-lucas-moreira-alves&Itemid=417).

discursos de diversos imortais.

Não podemos afirmar em que medida essa documentação possa ter sofrido interferência de outros agentes, como secretários e colaboradores do cardeal, mas provavelmente foram agentes decisivos na guarda e no descarte de determinados documentos.

O arquivo confere destaque às funções episcopais desempenhadas por dom Lucas. Os documentos relativos ao período anterior a 1967, quando o então frade dominicano participou ativamente de diversos movimentos de leigos e de jovens católicos, não são valorizados. O arquivo pessoal apresenta somente uma pasta com os encargos assumidos pelo então Frei Lucas, como a documentação relativa à JOC.

Na realidade, o arquivo pessoal permanece até hoje na sombra da instituição. Não houve, por parte dos gestores do Memorial, nenhum investimento – pesquisas, exibição, lançamento de obras baseadas sobre o arquivo. A falta de informação sobre a origem e a manutenção desse arquivo pelo próprio titular nos impedem de precisar sua relação com esse acúmulo documental, valendo a pena registrar que o arquivo recebeu novos materiais mesmo após a sua morte. Cabe frisar ainda que não há informações sobre a existência do arquivo na escritura de instituição do Memorial, ao contrário dos objetos e da biblioteca, que foram devidamente registrados. Não há informações sobre o arquivo nos *folders* de divulgação institucional.

Em suma, o arquivo não possui centralidade na instituição e nem é visto como patrimônio ou legado do cardeal, tal como ocorre com sua biblioteca pessoal e os objetos do museu. Até o momento, não há nada que indique que o arquivo será retirado deste lugar obscuro e disponibilizado como fonte de pesquisas.

### **Considerações finais**

O artigo dedicou-se a analisar a criação do Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, localizado em São João del-Rei, tendo como eixo de investigação uma análise a partir dos documentos internos e arquivísticos do Memorial. Além disso, jornais locais e entrevistas foram fundamentais por ajudar a revelar as condições sociais e políticas que permitiram a criação de um lugar de memória centrado na figura de um religioso cuja trajetória adquiriu reconhecimento público, sobretudo em sua cidade natal.

Esse lugar somente ganhou materialidade pela organização de uma rede formada por diferentes agentes, então liderados pela irmã do cardeal e herdeira dessa memória, além de amigos, de conterrâneos e da diocese local, atualmente a responsável por todo o patrimônio do Memorial. É interessante observarmos que outros memoriais voltados à memória de religiosos são administrados por suas respectivas dioceses, como, por exemplo, o Memorial Dom Helder Câmara (diocese de Recife/PE), o Memorial Dom Othon Motta (diocese de Campanha/MG), o Memorial Dom Ricardo Weberberger (diocese de Barreiras/BA) e o Memorial Frei Damião (diocese de Guarabira/PB). Essas instituições, ao



armazenarem documentos eclesiásticos e objetos de cunho religioso, podem ter um papel importante, tanto do ponto de vista da memória social como da pesquisa histórica.

Por outro lado, as dificuldades de acesso a arquivos religiosos por parte da Igreja são uma realidade nesses lugares e quiçá no Memorial Dom Lucas, agora administrado pela diocese local. Há carência de políticas de acesso e transparência por parte dos detentores de tal arquivo. Além disso, é escassa a literatura sobre arquivos eclesiásticos no que tange a categoria de acesso a tais documentos. A parca literatura afirma que o direito a informações contidas em arquivos de entidades religiosas não tem sido respeitado pela Igreja Católica. (SILVA, BORGES, 2009)

No caso do Memorial Dom Lucas, a instituição busca valorizar a conexão desse personagem com a Igreja Romana. O recorte temporal dessa projeção é monumentalizado no período dos papados de Paulo VI e João Paulo II, época em que o religioso exerceu influência tanto na Igreja Católica mundial como brasileira. Dessa forma, a narrativa institucional adotada busca estabelecer dom Lucas como homem de confiança de João Paulo II, um dos seus possíveis sucessores, e estabelece como legado sua proximidade ao poder da instituição.

A biblioteca pessoal e os objetos religiosos que formam o museu são valorizados desde o esboço da instituição pelo titular e pelos herdeiros que estabelecem esse conjunto como legado de dom Lucas, designando-o como “patrimônio cultural do Cardeal”. Entretanto, o arquivo pessoal permanece ainda hoje sem qualquer tratamento arquivístico e é constantemente silenciado pela instituição, não assumindo os sentidos de um legado e menos ainda ressignificado pelos agentes responsáveis.

E, por fim, observamos que a memória do religioso é anualmente atualizada. Para isso, recorre-se a homenagens, lançamentos de obras póstumas e semanas culturais em nome de dom Lucas. Dessa forma, os desafios e as estratégias assumidas pelos agentes responsáveis por esse Memorial buscam justificar a existência e a manutenção do Memorial Dom Lucas como um lugar de glória e honra sobre a trajetória desse personagem.

**Artigo recebido em 19 jul. 2017.**

**Aprovado para publicação em 28 set. 2017.**

## Referências

ABREU, Regina. “Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados”. *Estudos Históricos*, v.14, n. 1, 1994, p. 205-230.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1986, p. 183-191.

CAMILO, Vandelir Neves Deolindo Mário. *Desafios e estratégias na criação do Memorial Dom Lucas Moreira Neves*. 2017, Dissertação (mestrado em bens culturais) – Escola de Ciências Sociais, CPDOC, FGV RJ. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18661/disserta%C3%A7%C3%A3o%20final%203107%20biblioteca%20fgv%20%281%29%20%281%29.pdf?sequence=3&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

DOSS, Erika. *Memorial mania: public feeling in America*. Londres: Paper back Edition, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. “A guardiã da memória”. *Acervo*. Rio de Janeiro, dez. 1996, p. 1-15. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/538.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/538.pdf). Acesso em: 19 ago. 2016.

HEYMANN, Luciana Quillet. “Os “fazimentos” do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Estudos Históricos*. v. 2, nº36, 2005, p. 43-58.

\_\_\_\_\_. “Memórias da elite: arquivos, instituições e projetos memoriais”. *Revista Pós Ciências Sociais*, Vol. 8, n. 15, 2011, p. 77-95. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/579/333>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

IBRAM. Guia dos museus brasileiros. Brasília, 2011, 565p. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_extintos.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_extintos.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2016

NEVES, Cardeal Lucas Moreira; VAYNE, François. Entrevista com François Vayne. Coleção Austregésilo de Athayde. Vol. 25. Rio de Janeiro: ABL, 2006. Disponível em: [http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/entrevista\\_com\\_francois\\_vayne-cardeal\\_moreira\\_neves-para\\_internet.pdf](http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/entrevista_com_francois_vayne-cardeal_moreira_neves-para_internet.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*. São Paulo, v. 10, p. 1-22, dez. 1993.

POMIAN, Krzysztof. “Coleção”. In: ROMANO, R. Enciclopédia Einaudi: memória, história. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984, p. 51-85.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Ana Aparecida Gonzaga; BORGES, Jussara. Arquivos secretos eclesiásticos em Salvador.

Informação e Informação. Londrina, v.14, nº2, 2009, p.38-61.

WILLIAMS, Paul. *Memorial mania*. Nova York: Editorial Offices, 2007.

YOUNG, James. *The texture of memory: holocaust memorials and meaning*. New Heaven: Yale University, 1993.